



Poucas opções: Gildardo deixou para trás sua vida e fugiu com medo dos "paras"

Guerrilha é o caminho dos que ficaram em Santa Lucia

Os primeiros débeis raios de sol começam a ser despejados por detrás da montanha, e o guerrilheiro Júlio César já faz sua ronda diária pelas ruas desertas de Santa Lucia.

Não há muito o que ver. Das cem famílias que há dois anos moravam no povoado, hoje restam 30. As outras 70 fugiram de medo dos paramilitares.

Júlio César preferiu tomar o caminho da maioria dos que ficaram – aderiu à guerrilha.

– Se não tivessem me tomado tudo, não entraria nas Farc. Agora, não tenho alternativa – explica.

Júlio César e seus irmãos plantavam batatas em Santa Lucia. Em 1999, os irmãos foram assassinados pelos "paras" sob a acusação de colaborarem com as Farc. Júlio César abandonou as terras e entrou, de fato, para a guerrilha. Faz parte de um tipo de miliciano importante para as Farc, o vigilante, que tem de ser um membro da comunidade. Normalmente, o vigilante não participa de enfrentamentos. Júlio César nunca alvejou ninguém com a metralhadora que leva a tiracolo.

Júlio César não usa uniforme. Vigia a manhã fria de Santa Lucia com os mesmos trajes civis com que manobra um caminhão de batatas no seu "segundo emprego", denunciando a condição de guerrilheiro apenas pelos coturnos e, obviamente, pelas armas. É um dos poucos vestidos assim, quando em serviço pela guerrilha. Via de regra, os soldados das Farc circulam com uniformes novos, armas reluzentes e caminhonetes último tipo. As Farc prezam sua imagem – quem não estiver de uniforme, não pode ser fotografado.

Mas mesmo quem não anda armado ou uniformizado tem ligação com as Farc em Santa Lucia. Dona Gládis, dona do solitário armazém local, é quem leva ao comando da guerrilha os recados vindos através do posto telefônico, única forma de comunicação. Em dezembro do ano passado, os paramilitares destruíram o armazém dela, durante seu último ataque ao povoado. Dona Gládis o reconstruiu com diligência, pintou as paredes que haviam sido pichadas com inscrições das AUC e, num canto da peça, rabiscou um obséquio que denuncia os hábitos da freguesia: "Por favor, não vomite aqui. Obrigado".

Grande parte da comunidade preferia distância do conflito

Embora seja simpatizante da guerrilha, dona Gládis enfatiza que preferia distância do conflito. Bem como grande parte da comunidade.

– Só queremos trabalhar – diz Gildardo Paez, que era plantador de batatas e fugiu por medo dos "paras".

– Isso aqui era uma beleza – e faz um gesto abrangendo Santa Lucia semideserta, apenas o som dos latidos dos cães e o canto dos pássaros a romper o silêncio do abandono.

– Hoje está assim, como uma cidade-fantasma – toma nas mãos a rédea do cavalo magro, abaixa a cabeça e finaliza:

– Eu também iria embora, mas não tenho como ir. Os que têm dinheiro se vão; os que não têm, ficam com o medo.

“ Se não tivessem me tomado tudo, não entraria para as Farc ”

Problemas mais complexos do que a miséria

Os agricultores e os índios colombianos, com ações ou palavras, expressam sempre o mesmo desejo: o de ser, apenas, pobres. Porque os problemas da Colômbia são muito mais complexos do que a miséria.

Em primeiro lugar, há a guerrilha. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) surgiram em 1948, quando o candidato à presidência da República do Partido Liberal, Jorge Eliecer Gaetán, foi assassinado. Surgiu então a figura de Manuel Marulanda, o "Tirofijo", que, aos 75 anos de idade, é o guerrilheiro mais velho do mundo.

Das Farc, que são marxistas-leninistas, brotaram diversos outros grupos guerrilheiros. O Exército de Libertação Nacional (ELN, de inspiração guevarista) é o maior deles. Têm ideologias sutilmente diferentes, mas muitas vezes se unem em ações comuns.

Como o governo federal e o exército não conseguiram combater as guerrilhas com eficiência, certos megaempresários e, sobretudo, alguns dos grandes criadores de gado forjaram as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC, os paramilitares), nos anos 80. As AUC são uma espécie de Esquadrão da Morte sofisticado, com mais dinheiro e mais poder de fogo.

Por que os criadores de gado resolveram entrar na briga? Porque eles são o principal alvo da guerrilha. Se os pecuaristas não pagam aos guerrilheiros a "vacina" (apelido da extorsão praticada aos moldes da velha Máfia), sofrem conseqüências nada agradáveis. Só neste semestre, 319 criadores ou seus familiares foram seqüestrados e 19 assassinados. Nos últimos 45 dias, os corpos de 1.202 reses apareceram desmembrados nos campos. Durante o ano, os criadores de gado pagaram 112 milhões de pesos (US\$ 56 mil) aos guerrilheiros pela "vacina".

Outra caudalosa fonte de renda das guerrilhas e dos paramilitares são os seqüestros. Em 2001, houve 1.475 seqüestros na Colômbia (250 por mês). Destes, o ELN praticou 447, as Farc, 326, os paramilitares, 116, os criminosos comuns, 109, e 380 não tiveram autoria identificada. O restante foi obra

de pequenos grupos guerrilheiros.

Finalmente, há o narcotráfico. Que não é pouca coisa. O narcotráfico está metido em cada canto tropical ou temperado deste país de climas múltiplos. Alguns traficantes financiam os paramilitares e outros invertem verba para a guerrilha, sempre em busca de cobertura para suas atividades – Fernandinho Beira-Mar pagava, por mês, US\$ 10 milhões às

Farc, pela sua proteção.

Mas o que os agricultores e os índios têm a ver com isso, afinal? Tudo. É no campo que atuam as guerrilhas e, em conseqüência, os paramilitares. É do campo que saem a coca, base da cocaína, e a papoula – de onde se extrai a heroína. No campo vivem os índios e, como diz o nome, os camponeses.

Se um índio ou um pequeno agricultor se torna suspeito de alimentar guerrilheiros ou, em alguma circunstância, lhes dar guarida, os paramilitares invadem sua casa, seqüestram-no, estupram sua mulher ou o matam. Se, ao contrário, o índio ou o trabalhador rural é visto como informante dos paramilitares, os guerrilheiros é que o seqüestram ou assassinam.

O terror está arrancando os agricultores e os índios da terra. La Muralha, logo depois de Tuluá, tinha 600 habitantes, há dois anos. Quatrocentos se foram. Puerto Brazadas, 40 quilômetros acima, na prática não existe mais. Das suas 70 casas, só 12 continuam com moradores. Organizações não-governamentais calculam que, às margens do caminho de pedra e terra dura que leva de Puerto Brazadas a Barragán, estejam enterrados os cadáveres de 400 homens assassinados.

Não há saída, por isso o êxodo forçado

Em Barragán, a 3.300 metros de altitude, toca-se no medo com as mãos. Basta roçar em seus muros pichados com inscrições das facções em luta ou apanhar um dos tijolos das paredes derrubadas pelos ataques. Neste lugarejo, onde em 1999 viviam 1,5 mil pessoas, restam 500. A guerrilha determinou toque de recolher. A partir das 18h, ninguém anda por suas ruas. As portas se fecham. O silêncio cai.

Não há saída. Por isso, o êxodo forçado. Por isso, há mais de 2,7 milhões de refugiados perdidos pelo país. Por isso, os pobres colombianos sonham, todos os dias, em ser, tão-somente, pobres.



Inspiração: Che Guevara é ídolo das Farc

O PALCO DA GUERRA

PRINCIPAIS GRUPOS ARMADOS

- Farc**
Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
 Liderados por Manuel "Tirofijo" Marulanda, o grupo de orientação marxista afirma contar com 15 mil combatentes. Embora neguem, há evidências de que as Farc são financiadas pelo narcotráfico. O grupo se opõe ao Plano Colômbia e exige o combate aos paramilitares e reformas socioeconômicas no país.
- ELN**
Exército de Libertação Nacional
 Formada por cerca de 5 mil homens, a guerrilha esquerdista exige a desmilitarização de uma zona no norte do país para a realização das negociações de paz.
- AUC**
Autodefesas Unidas da Colômbia
 O grupo paramilitar de direita foi criado para combater as guerrilhas de esquerda. Afirma ter 8 mil homens.

